





FERNANDES, Maria Helena. *Transtornos alimentares: anorexia e bulimia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 303p. ISBN 85-7396-465-0.

No primoroso livro de Maria Helena Fernandes temos a oportunidade de acompanhar uma vasta elaboração do tema dos transtornos alimentares – elaboração que vai se fazendo passo a passo, trazendo à cena vários níveis de análise e contemplando detalhadamente alguns dos tópicos mais essenciais sobre esta questão. Ao longo da leitura do livro, temos também a chance de acompanhar a formulação de hipóteses e noções construídas pela autora em sua busca de uma maior compreensão da problemática das patologias alimentares, tanto no âmbito da teoria quanto no da clínica psicanalítica. Os eixos centrais que nortearão sua reflexão são o corpo e a feminilidade. A prevalência feminina nesses quadros clínicos é fortemente assinalada.

Através dos caminhos que somos convidados a percorrer, entramos em contato com elementos históricos, metapsicológicos, psicopatológicos, assim como vemo-nos despertados para uma constante reflexão sobre o papel da cultura na constituição e no modo de funcionamento da subjetividade humana, e especialmente no processo de adoecimento e sofrimento psíquicos. Os transtornos alimentares, abordados aqui a partir do referencial psicanalítico, são igualmente relacionados pela autora com a questão das vicissitudes do mal-estar contemporâneo. Uma interrogação acerca do privilégio do corpo na cultura contemporânea virá justamente, à guisa de conclusão, fechar o livro.

Um dos grandes méritos desse trabalho é o de conseguir aliar, de maneira muito equilibrada, aspectos teóricos e clínicos. Na introdução, a autora relata como se deu o processo de preparação desse livro, que nasce instigado pelas interrogações incitadas por sua prática clínica, especialmente com pacientes confrontadas com as patologias da anorexia e da bulimia.

Uma particularidade interessante caracteriza a prática clínica da autora, fonte maior de suas interrogações sobre o árido e “estranho” universo das patologias alimentares: seu trabalho clínico institucional – no hospital geral e ambulatório de uma instituição universitária – aliado ao trabalho de acompanhamento terapêutico que pôde exercer, vêm se somar a sua experiência na clínica particular. Estes campos, com enquadres bastante diversos, acabam por propiciar, pela riqueza que a heterogeneidade desses espaços comporta, um estilo próprio, uma forma singular de pensar a Psicanálise.

Uma breve retomada da história da alimentação, dando relevo à importância que possuem os costumes alimentares como expressão de diferenças culturais e sociais de cada época, oferece-nos informações bastante pertinentes. Ao traçar esse percurso, uma das metas da autora é a de vir a pontuar, tendo em conta todo um processo histórico anterior, o significativo aumento de casos de anorexia e bulimia que teve lugar nas décadas de 1970 e 1980. Esse período coincide com um incremento dos estudos sobre a alimentação, o que permite

mostrar o quanto fenômenos psicopatológicos não podem ser analisados de maneira dissociada de uma apreciação sobre o processo de transformação cultural, social, assim como aquele que se dá no plano das estruturas familiares.

Com relação à singularidade da anorexia, Maria Helena Fernandes analisa múltiplos aspectos de grande relevância. Passamos à indicação de apenas alguns deles – em nosso entender, merecedores de especial destaque, como a importância dada à questão da *recusa* no quadro da anorexia, entendida aqui como forma de ocultação do desejo. A própria sensação de fome parece ser erotizada em si mesma, mostra-nos a autora. Porém, segundo ela, ao recusar a alimentação, as anoréxicas também vêm “afirmar”, como desafio, a ordem das regras e necessidades humanas. Em parte isto se ancoraria na vivência de uma decepção, em uma espécie de desencanto frente a elas próprias, mas igualmente em relação à figura materna ou paterna.

O confronto entre os ideais de perfeição e os limites impostos pela realidade, confronto inerente e inevitável no processo de desenvolvimento, assume neste caso uma tonalidade dramática. A relação com o corpo aponta para múltiplas clivagens a serviço de uma “negativação” da dor. Este aspecto se liga à problemática da percepção do corpo, ainda que a distorção da imagem corporal venha a se apresentar em graus variados, dependendo de cada caso singular.

Quanto ao quadro da bulimia, fundamentando-se mais uma vez em autores dos mais expressivos na área, como Brusset e Jeammet, Maria Helena Fernandes vem sublinhar a dimensão de impulsão e de adicção no ato bulímico. A presença da dimensão de adicção fundamentar-se-ia muito mais no próprio comportamento alimentar do que no alimento propriamente dito. Quanto aos fatores desencadeantes dos

acessos bulímicos, ela se preocupa em destacar os sentimentos de desamparo, fracasso e solidão, e em contraste com estes, as vivências de excitação e prazer.

O acesso bulímico não nos falaria de uma procura de prazer. Assim, a presença da dor é sublinhada – dor experimentada no corpo por meio da própria impossibilidade, do limite imposto pelo corpo físico à ingestão de alimento. O alívio viria do vômito, recriando o vazio – vazio que vem aliviar a dor. Estamos aqui situados no regime do *Além do princípio de prazer*. Esta importante vertente da questão, voltada para a problemática do excesso pulsional e do fracasso das vias de ligação e de simbolização, constitui um outro tópico no qual, ao longo do livro, Maria Helena Fernandes irá se deter.

Espécie de “toxicomania sem droga”, a bulimia, como resposta extrema, permite por meio da intoxicação alimentar a evitação do sofrimento. A este respeito, parece-nos também digna de destaque a ênfase dada pela autora ao mecanismo de incorporação na bulimia, o qual prevaleceria ao da identificação. Isto vem remetê-la a uma apreciação sobre a noção de objeto transitório na bulimia, no sentido de um objeto permanentemente buscado, em regime de compulsão à repetição, e sempre perdido, em contraste com a função do objeto transicional, e assim dificultando a constituição do objeto interno.

Este ponto leva-nos a invocar a noção de limite em Psicanálise e seu fundamental papel na compreensão dos estados-limite, campo em cujo interior pensamos poder situar os transtornos alimentares quando comportam essa radicalidade própria da anorexia e da bulimia. Nas palavras de Maria Helena Fernandes: “a meu ver, não se pode deixar de notar ainda uma dificuldade de discriminação entre dentro e fora. Tudo se passa como se o corpo próprio não exercesse aí uma de suas funções, que é colocar os

limites entre dentro e fora, exercendo assim o papel de fronteira entre o eu e o outro. Essa dificuldade de discriminação entre dentro e fora, entre o eu e o outro, assinala a importância da precariedade das fronteiras entre sujeito e objeto, evidenciada na ausência de autonomia e dificuldade de diferenciação da figura materna” (p. 139).

A questão da figura materna, a ênfase colocada sobre a relação primária e sua importância na gênese das patologias alimentares, parece-nos constituir uma das facetas próprias ao pensamento de Maria Helena Fernandes, baseada, por sua vez, em vários autores que se dedicaram a essa problemática. A figura materna possui lugar fundamental na constituição dos processos de simbolização da criança. Dentre muitas outras funções, a escuta e interpretação que a mãe faz das sensações corporais da criança é o que permitirá a construção de uma imagem corporal, assim como de uma identidade. De acordo com a autora, esta construção encontrar-se-ia perturbada na anorexia e na bulimia.

Concluindo esta resenha, com relação ao destaque dado pela autora ao plano das relações primárias, à figura materna como determinação primordial das patologias alimentares (e em geral aos estados-limite), gostaríamos de abrir uma via de questionamento.

Consideramos que a problemática dos estados-limite não pode prescindir de uma

análise mais direta e incisiva sobre os aspectos edipianos. Particularmente, na anorexia e na bulimia vemos que a questão da interiorização da lei paterna revela-se, de fato, precária. Porém, podemos pensar que essa precariedade não se refere necessariamente a uma ausência, mas talvez possa ser, ela também, compreendida como excesso. Ou seja, a entrada da figura paterna, sendo uma invasão, talvez comporte nesses casos – na anorexia e na bulimia (mas, vale ressaltar, de forma bem distinta em cada uma delas) – um movimento de retomada, se assim podemos dizer, da intromissão do outro primordial, materno.

A questão do corpo e da recusa do sexual na anorexia, assim como do corpo e da transgressão que parece, em nosso entender, habitar a problemática bulímica, não viriam chamar a atenção para a necessidade de um olhar mais atento sobre os complexos entrelaçamentos entre o registro primário e o edipiano?

Marta Rezende Cardoso

Psicanalista; Doutora em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise (Universidade de Paris VII); Professora Adjunta do Instituto de Psicologia (Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/UFRJ); Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Pesquisadora do CNPq.

e-mail: rezendecardoso@ig.com.br